

A AÇÃO JESUÍTICA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO: PRIMEIRAS INFLUÊNCIAS CULTURAIS NO BRASIL (1500 – 1759)

Elaine Cristina Alves da Costa Savalli
Prof. Da FAL – Unidades I e II
Doutoranda da UFRN

O Brasil recebeu uma cultura transplantada. Através da colonização surge um ar de recomeço e de arranque à cultura que é colonizada. Logo após a sua “descoberta” os europeus perceberam que o território brasileiro em nada interessava ao surto mercantil da época. Restou, então criar riqueza através da troca. Mas para se produzir seriam necessários trabalhadores resistentes à árdua labuta, estes eram os escravos.

Uns vêm da Europa, em reduzido número; outros da África, em aviltado número, quando a empresa produtora aparece acabada, quando em pleno funcionamento. Assim, provêm do exterior tanto os elementos humanos como os recursos materiais. (SODRÉ, 1972: 5)

A força de trabalho se constituía basicamente de escravos e a alternativa para os mesmos não era o regime assalariado, mas a fuga para os quilombos. Obter a alforria não tinha grandes vantagens pois passavam a ser posseiros em sítios marginais ou viviam sob a condição de agregado que subsistiu ainda depois da abolição do cativo.

...os agregados... são estes os indivíduos – em geral escravos libertos ou mestiços espúrios – que vivem nos grandes domínios prestando aos senhores toda sorte de serviços: guardas da propriedade, mensageiros, etc. (PRADO JR., 1933: 28)

Sem escravos não era possível aos colonos abastecerem-se da mão-de-obra de que necessitavam. A imigração branca era escassa, e tornava-se assim indispensável o emprego do braço escravo de outras raças, inclusive a indígena.

Os processos brutais empregados pelos portugueses para forçarem os indígenas ao trabalho – processos de que em nossos dias ainda

temos exemplo entre as populações não iniciadas na civilização ocidental – não eram de molde a despertar nos índios grandes entusiasmos pela colonização branca. Preferiam permanecer no recesso das matas, longe da cultura européia de que só chegavam a conhecer os horrores da mais atroz das opressões. Foi por isso preciso ir lá buscá-los. (PRADO JR., 1933: 24)

A servidão fornecida pelos índios aos colonizadores se manteve até meados do século XVIII, quando foi totalmente abolida por Pombal. Os índios eram avessos à vida da lavoura, trabalhavam mal e fugiam com facilidade. A resistência física era pouca causando dizimação por doenças e maus tratos. O trabalho deprimente na colônia foi uma forte característica plantada no Brasil.

Mas, o que o Brasil tinha a oferecer? Apenas a terra como disse Sodré (1972). Contudo, a terra era abundante e inculta. A colônia torna-se então objeto de exploração para Portugal que conduz a sua maneira a vida de muitos, principalmente, o índio e o negro. Com a produção material transplantada para atender o mercado externo, surge conseqüentemente uma cultura altamente diversificada.

Cada povo que chegara ao Brasil tinha sua heterogeneidade. O resultado cultural traduz essa variedade, apesar da dominação e conservadorismo do império português. *“O índio vivia no regime da comunidade primitiva, em organização tribal; o português em regime feudal; o africano, no regime da comunidade primitiva ou no regime escravista.” (SODRÉ, 1972: 6)*

Para que se pudesse dar continuidade aos ideais portugueses e da Europa de maneira geral seria necessário ensinar e obter resultados através dos “novos conhecimentos”, que comumente é chamado de cultura.

Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. A educação é o momento institucional marcado do processo. (BOSI, 1992: 16)

Os sociólogos franceses, dentre os quais está Émile Durkheim, não concebe a idéia de separar o homem da cultura, pois somam-se, não se permitindo mais divisões. O homem não é concebível sem a sua cultura, senão não seria um homem.

A cultura não pode senão designar um certo desabrochar da inteligência, em virtude do qual se torna o homem mais humano, isto é, mais apto a compreender e a amar os outros homens. A cultura é a parte da inteligência na obra da civilização. (P. A. Bastide, In: A cultura brasileira, Fernando de Azevedo)

Ligado ao termo cultura encontra-se o nome civilização. A relação é íntima, uma não pode existir sem a outra, então não seria possível atingir um determinado grau de civilização sem aspirar o espírito de cultura que tem por função enobrecê-la e consolidá-la, além de manter a sociedade dentro das regras morais como, o respeito, a tolerância, a polidez, a distinção de maneiras, entre outros que são permitidos e adotados pelo povo latino-americano e que são adquiridos pela educação.

Os únicos dotados culturalmente eram os religiosos, estes foram responsáveis pelo bilingüismo, pois em meio à língua Tupi, surge a língua portuguesa. Entre os religiosos era utilizado o latim. Porém, o uso do Tupi é que fora ganhando dimensão e se usava “até nos púlpitos”. (SODRÉ, 1972: 13). Em 1727, foi proibido o seu uso. O Tupi era mais usado nas relações com o povo e na proporção de 3 para 1, em relação ao português, segundo Sodré (1972: 13). *“Quando se pretendia falar ao povo era a língua selvagem que mais se empregava, reservando ao português, língua oficial, para as camadas cultas.”* (AZEVEDO, 1973: 179)

A cultura indígena aos poucos foi sendo substituída por um outro tipo de cultura, de acordo com os ideais jesuítas e de sua concepção de vida e de mundo. Reforça Azevedo (1996: 501): *“Os jesuítas, sob esse aspecto, foram de fato ”puros agentes europeus de desintegração de valores nativos.”* Nos colégios e nas igrejas

procuravam restaurar e manter na sua integridade a civilização Ibérica que estava sendo ameaçada no Brasil por causa das influências indígenas e africanas, nos séculos XVI e XVII.

O papel dos jesuítas na colonização do Brasil e da América em geral ocupa um lugar de destaque sem precedentes na história das missões cristãs. Capuchinhos, carmelitas e religiosos de outra ordem desempenharam seus respectivos papéis de preparação de novos adeptos à obra missionária.

Os jesuítas tinham como missão conquistar as consciências. Portanto, era necessário ensinar a ler, escrever e contar, visando as crianças e adolescentes nos colégios, inclusive os filhos dos senhores. Esse ensino se caracterizava pela alienação. De acordo com Fernando de Azevedo era um *“ensino destinado a formar uma cultura básica, livre e desinteressada, sem preocupações profissionais, e igual, uniforme em toda a extensão do território.”* (1943) citado por Sodré (1972: 15)

Por três séculos, a Igreja e a Escola, aparecem tão ligadas que não há aldeia de índios, nem vila ou cidade, que não estivesse inserida a ação missionária, e ao lado do templo católico existia a escola de ler e escrever para meninos.

A princípio, o ensino elementar e, depois, o de humanidades, nos colégios do Rio de Janeiro e de Pernambuco, e no da Bahia no qual, reorganizado em 1557, já se ministrava ensino superior, se conferiam as láureas de mestre em artes, em 1578, e, nesse curso de artes (filosofia), já se haviam matriculado em 1598, quarenta estudantes. (AZEVEDO, 1996: 244)

Os primeiros letrados foram os homens de religião, pois foi por intermédio do ensino religioso que se recrutaram os primeiros elementos dotados de dimensão intelectual. Os conhecimentos que receberam não foram procurados por si mesmos ou pelo prazer mas por pura finalidade de aumentar o exército da fé. O ensino jesuítico não perturbava a ordem vigente já que não se aprofundava seu conhecimento, pois só tinha como objetivo o recrutamento de fiéis e servidores.

Mas são tão íntimas e constantes as relações entre o desenvolvimento da religião, no Brasil, e o da via intelectual, nos três primeiros séculos, que não se podem durante esse largo período, separar um do outro: nessa fase de nossa formação social, foi efetivamente de intenção, forma e fundamentos religiosos quase toda a cultura que se desenvolveu nessa parte do continente. (AZEVEDO, 1996: 237)

A religião teve no período colonial uma grande influência e foi a responsável pela organização no sistema de cultura, essa forte ligação é acusada nas formas das instituições, no conteúdo e até no pensamento do indivíduo. Tudo isso por influência de Portugal.

Era toda uma atmosfera de religiosidade e de fé que se respirava em Portugal e, se se apresentava mais quente e carregada de misticismo nos conventos e nos santuários, se propagava por toda parte, na palavra evangélica que descia dos púlpitos ou nas vibrações dos sinos de bronze que caíam lentas das torres cristãs. (AZEVEDO, 1996: 239)

A cultura urbanizadora que se desenvolveu pela ação pedagógica dos jesuítas contribuiu notavelmente para estabelecer uma base ideológica, lingüística, religiosa e cultural, em prol da unidade e defesa nacionais. Em grande parte, foi pela influência eclesiástica que se preparou a base da unidade nacional através da língua, religião e cultura. *“Cultura importada em bloco do Ocidente, internacionalista de tendência, inspirada por uma ideologia religiosa, católica, e a cuja base residiam as humanidades latinas e os comentários de Aristóteles, solicitadas num sentido cristão.”* (AZEVEDO, 1996: 522)

A cultura foi então padronizada pelo espírito de conservadorismo que formava reduzidamente, tanto no sentido intelectual e numérico, alienados que aprendiam desprovidos do senso crítico e distantes do espírito criador.

Citando pensamento de Karl Marx, este via o processo colonizador não apenas como um efeito propulsor do capitalismo mundial, mas como acionador de

regimes arcaicos de trabalho, começando pela escravidão dos nativos nas áreas de maior interesse econômico.

A classe dominante intelectual era distante da cultura portuguesa se tornava mais fácil o uso do comum, idioma indígena, pois os elementos cultos da língua portuguesa eram difíceis de serem compreendidos pelo povo. Aculturar um povo se traduziria, afinal, sujeitá-lo ou adaptá-lo a um certo padrão tido como superior.

A classe dominada pelos intelectuais conseguia se destacar, como forma de lazer, através da música e da dança. Ao lado da música religiosa surgia a música popular com contribuições do indígena, do português e do africano aumentando as riquezas musicais. A música e a dança africana e portuguesa ganham evidência no nosso patrimônio cultural.

Em meados do século XVIII, o ensino jesuítico começa a ser criticado pelos adversários, já se mostrava incapaz de responder às novas necessidades. Essa idéia recebeu reforço vindo de Portugal para tornar a campanha mais acirrada ainda através de dois elementos de propaganda contra os jesuítas: o monopólio do ensino desde 1555 e a miséria econômica e intelectual causada pelos tais.

Na Europa já se difundiam novas concepções filosóficas e científicas traduzindo-se em tentativas de reformas de estudos. *“...tomaram expressão vigorosa nas 16 cartas do Verdadeiro Método de Estudar, de Luís Verney, que, publicado em 1746, teve a maior repercussão e passou a ser considerado, sob vários aspectos, “a maior obra de pensamento que se publicou em Portugal”.* (AZEVEDO, 1996: 523)

Todas as críticas encontraram meio favorável contra a ação dos jesuítas acusados de atraso intelectual e pedagogia autoritária. Tudo isso chegava ao seu fim.

O Marquês de Pombal, em 1759, expulsa os jesuítas do reino e dos seus domínios, inaugurando com a sua política radical a série de

medidas semelhantes tomadas pela França (1763), Espanha, Nápoles e Sicília (1767) e por outros governos, e que culminaram, em 1773, na total supressão da Companhia de Jesus pelo Papa Clemente XIV, centro de convergência dos clamores que subiam de todos os países.

Assim, terminou, no período colonial, a obra dos missionários. Foram mais de dois séculos educando a mocidade brasileira, amaciando a aspereza de costumes, alimentando discórdias entre casas-grandes, cooptando com abusos do governo, apertando os freios da religião e contribuindo para implantar a ordem e a disciplina onde tudo conspirava para enraizar a rebeldia, que muitas vezes fora implantada nas celebrações festivas que insinuavam confraternização e troca de culturas.